

UMA LEITO(U)RA EM TRÊS TEMPOS

THREE TIMES OF A READER'S READING

Célia Cristina da Silva¹

Resumo

Este trabalho é uma análise de três momentos na trajetória e transformação de uma leitora empírica em leitora-modelo, desde sua primeira leitura da novela *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco. Por meio das teorias da recepção, mais especificamente de Jauss, Eco e Fish, analisamos a maneira como essa leitora percorreu o texto narrativo, num primeiro momento rejeitando-o e posteriormente compreendendo as estratégias utilizadas pelo escritor, provocando uma significativa mudança de opinião.

Palavras-chave: Leitura. Leitor-modelo. Leitor empírico. Camilo Castelo Branco. *Amor de perdição*.

Abstract

This essay is an analysis of three moments in the history and transformation of an Empirical Reader into a Model Reader, since her first reading of the novel *Amor de perdição*, by Camilo Castelo Branco. Through the Reception Theories, specially from Jauss, Fish and Eco, we analyze how this reader followed the narrative, initially experiencing rejection of the author and of the text, and finally the understanding of the strategies used by the writer, which caused a huge change of opinion.

Key words: Reading. Model Reader. Empirical Reader. Camilo Castelo Branco. *Amor de perdição*.

Primeiro tempo: a rejeição

São Paulo, 1977 - 1978

Tinha entre onze e doze anos quando li *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, por conta própria. Peguei na estante de casa. Provavelmente havia sido leitura obrigatória para minha irmã, que cursava o colegial (hoje ensino médio). Ignorei o prenúncio de desgraça sugerido pelo título e avancei. Inicialmente gostei, achei até divertido, apesar do estranhamento da linguagem. Li com um dicionário do lado, para

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná-UFPR. E-mail: celiacrissilva@uol.com.br

tentar dar conta de tantas expressões de um português antigo, embolado, que eu desconhecia. Após o término da leitura, no entanto, senti desconforto e estranhamento, não por conta da linguagem, mas do desfecho. Resumi o livro para uma colega da seguinte forma: “É um romance que acaba por falta de personagens. Quem não morre de amor, se mata!”

Minha ideia de “romance” era a de uma narrativa de amor que terminaria bem e culminaria no “E foram felizes para sempre...” como nas leituras que haviam povoado, até bem recentemente, minha infância.

Aquela novela me jogou na cara que nem todas as histórias acabavam bem. Incomodou-me, especialmente, a figura de Simão. Que rapaz instável! E que amor é esse que desiste? O amor “romântico” não deveria superar tudo? Na mente daquela leitora empírica e juvenil, o personagem deveria ter se comportado de forma diferente. Não poderia desistir de lutar pelo amor de sua vida (e da vida), como fez.

Naquela idade, via na literatura refúgio e bálsamo. Achava que o romance era uma continuação do universo mágico das narrativas da infância e puberdade (na qual eu ainda estava). Com aquela leitura, me vi confrontada com o que não queria ver, ou não dava conta de ver. (Se na época eu tivesse conhecido Stanley Fish e ele me perguntasse: “O que esse texto provoca?”, responderia: “raiva”.)

Nem preciso dizer que não gostei de *Amor de perdição*. E assim me fechei para autor e obra, relegando-os a um canto bem empoeirado das minhas memórias, onde “ficaram de castigo” por mais de trinta anos.

Segundo tempo: a negação

São Paulo, 1985-1987

Já universitária, cursando licenciatura em Letras, período noturno, aprendi com os colegas a “driblar” algumas leituras obrigatórias dividindo-as em grupos. No lugar de lermos todos os livros de uma imensa lista, cada um pegava dois títulos (às vezes mais), lia e resumia detalhadamente para os outros. Alguns compravam edições da coleção *Bom Livro*, da Ática, que traziam encartadas folhas ilustradas em forma de HQ, em preto e branco, para o leitor completar com passagens do texto. Perdi a conta dos resumos que fiz. Caprichava muito, pois sabia que aquele seria o primeiro contato de muitos de meus colegas com clássicos da literatura. (Hoje torço para que não tenha sido o único.)

Fiz resumos de alguns livros de literatura portuguesa, entre eles de Eça de Queiroz, Júlio Diniz, Almeida Garrett, mas não de Camilo Castelo Branco.

Curiosamente, há pouco tempo, enquanto pesquisava material para escrever um artigo, procurei antigas anotações e, ao folhear um livro de teoria literária dessa época, encontrei um trecho sublinhado que dizia: “O romantismo é fruto, historicamente falando, de uma época marcada por duas constantes bem definidas: individualismo e liberalismo”. (TAVARES, 1984, p. 66). A palavra “individualismo” estava circulada. Na margem havia uma anotação minha, a lápis, cheia de exclamações: “*Isso explica o egoísmo de Simão!!!*”

Eu, que acreditava ter riscado autor e obra de minhas memórias, percebi que, apesar de não ter relido *Amor de perdição*, não havia realmente “finalizado” aquela leitura, fazendo com que a história continuasse acontecendo em mim e ocupasse um espaço significativo. Parafraseando Peter Hunt, os livros terminam com ponto final, mas as histórias não².

Terceiro tempo: a revanche dos esquecidos³

Curitiba, 2012-2013

George Steiner disse que “cada livro contém uma aposta, um desafio ao silêncio, que só pode ser vencido quando o livro é aberto novamente (mas, diferentemente do homem, o livro pode esperar séculos pela eventualidade da ressurreição)”. (STEINER, 2001, p. 15). No meu caso, a espera pela ressurreição foi bem menor.

Pouco mais de trinta anos depois da primeira leitura do romance camiliano, agora mestranda numa universidade federal, vi-me confrontada com o autor lusitano novamente. Teria de ler *Coração, cabeça e estômago* e *Eusébio Macário*, novelas satíricas, e o trágico *Amor de perdição*. (Ah, Camilo, por que me persegues?)

Coração, cabeça e estômago foi, inicialmente, uma leitura difícil. Não fluía. Eu estancava, sentia sono, pulava partes, fazendo uso de alguns dos direitos do leitor, sabiamente elencados por Daniel Pennac⁴. Pensei, inclusive, em fazer valer o direito de

² Peter Hunt disse que as orações terminam com ponto. As histórias não.

³ Título inspirado no capítulo heterônimo de *Não contem com o fim do livro*, de Umberto Eco e Jean-Claude Carrière. Editora Record.

⁴ Daniel Pennac elenca dez direitos imprescritíveis do leitor no livro *Como um romance*, publicado pela editora Rocco.

não ler, mas sabia do risco de não ser aprovada na disciplina. Ler resumos de terceiros, definitivamente, estava fora de cogitação.

Fenômeno diferente aconteceu com *Eusébio Macário*. Simpatizei com os caricatos personagens e me diverti enquanto lia. Como pode um mesmo autor provocar reações tão distintas? Seria mérito do autor ou esforço da leitora?

Creio que um dos fatores que começou a me fazer rever meus conceitos foi a maneira como Camilo descreveu as mulheres belas nesse romance. Em sua maioria, eram “redondas”, “bem fornidas de carnes”, “robustas”, “roliças”, possuíam “corpo carnudo e cheio de suco”, “muito seio e braços grossos” (BRANCO, 2006). Num primeiro momento, a leitora empírica-passional aflorou. Identifiquei-me com aquelas personagens. Senti-me uma “mulher camiliana”. Depois retomei o controle, deixei a paixão de lado e vi ali um bom material de análise. Essa narrativa me fez retomar o tema de uma monografia escrita para um curso de especialização, no início dos anos 2000⁵. Terminada a leitura prazerosa da leitora roliça, realizei nova leitura, dessa vez como leitora pesquisadora, fazendo um levantamento cuidadoso da representação da beleza feminina nessa obra. Ocorreu a mesma coisa com *Coração cabeça e estômago*. O foco da pesquisa havia mudado completamente minha forma de ler. As leituras posteriores foram um misto de prazer e descobertas, e culminaram num artigo que foi muito agradável de escrever⁶.

A leitura de *Eusébio Macário* e a releitura de *Coração, cabeça e estômago* abriram meus olhos para o humor camiliano e foram muito importantes na ampliação de meu repertório, colaborando para me fazer ver um Camilo diferente. Nessas obras, os personagens caricatos, anti-heróis glutões e devassos, eram tão reais que até despertavam pena. Em vários trechos dos livros me peguei rindo. Rabelais disse que não há nada como o riso para espantar o luto e ROUANET (2007, p. 203), referindo-se a Laurence Sterne, completa que o riso produz leitores ideais, que riem do autor ou com ele. Ora, nada melhor do que o riso para desarmar uma leitora rabugenta.

Quanto ao livro-desafeto, fiquei incumbida de apresentar um seminário sobre *Amor de perdição*, mas estava desanimada. Não conseguia pegar o livro “com vontade”. Mal começava, abandonava a leitura. Pulava páginas e suspirava.

⁵ GODOY, Célia Cristina S. de. *Redondos, roliços e fofinhos – Como os gordos são li(n)dos*. (Monografia). Curitiba. 2003. (PUCPR)

⁶ “Gula, luxúria, magreza e obesidade em *Eusébio Macário* e *Coração cabeça e estômago*”. UFPR, abril de 2013.

Soube então que haveria um colóquio sugestivamente denominado “O Tempo de Camilo”, em comemoração aos 150 anos de publicação desse romance. Decidi assistir. Ouvi diversas comunicações sobre a obra camiliana, vi que era bem mais vasta do que eu supunha e percebi o quanto dialogava com outros autores e tempos.

Guiada pelas explicações, comecei a perceber ecos de Camilo em autores brasileiros, relembrei o humor irônico de *Amor de perdição*, saboreei os caldinhos e o amor platônico e intenso de Mariana. Havia tantos pontos interessantes nas comunicações – e algumas eram tão apaixonadas – que tive de me questionar: “Por que não consigo ver nada disso na minha leitura?”, “Por que não consigo reler esse livro *comme il faut*?⁷”, “Que raio de leitora sou eu?”

Foi com essa predisposição (e autopressão) que fiz nova leitura de *Amor de perdição*. Li realmente “com outros olhos”. No entanto, Simão ainda me incomodava e irritava, apesar da minha maturidade e de um certo conhecimento teórico sobre a obra em questão. Ainda me sentia provocada. Mas por quê? A resposta veio enquanto fazia uma pesquisa para a elaboração de minha dissertação sobre representações da velhice nos contos de fadas, que explicarei mais adiante.

Três passeios por uma mesma história

Quando Eco escreveu *Seis passeios pelos bosques da ficção*, não poderia imaginar o quanto influenciaria uma “leitora em evolução” e a inspiraria a fazer, a exemplo dele, seus próprios passeios em três tempos de leitura de uma obra. Eco apresenta duas maneiras de percorrer um texto narrativo: a do leitor-modelo de primeiro nível – que quer logo saber como uma história termina – e a do leitor-modelo de segundo nível – que se pergunta que tipo de leitor ele deve se tornar e quer descobrir que estratégias o autor-modelo utilizou para guiá-lo (ECO, 1997). A Eco não interessam os leitores empíricos de um texto, pois esse tipo de leitor faz passeios muito particulares em seus jardins (nem entram nos bosques). Identifiquei-me com aquelas duas maneiras de percorrer o bosque de *Amor de perdição*, mas também com a empírica, e assim pude definir meus passeios.

O primeiro passeio ocorreu num dia que prometia ser ensolarado e agradável, mas acabou mudando por conta de uma “virada no tempo” e terminou em chuvas e

⁷ Como se deve.

trovoadas. Foi um passeio rápido, emocional e solitário. Li movida pelos sentimentos, buscando algo no texto com o qual me identificasse. Enquanto ele veio ao encontro de meus anseios, a leitura fluiu. Quando rompeu com minhas expectativas, causando frustração, o rejeitei.

Longe de ser uma leitora modelo que compreenderia a complexidade da obra e entenderia os esquemas propostos pelo autor, agi como leitora empírica, utilizando o texto como receptáculo de minhas próprias paixões (ECO, 1997, p. 14). Era uma pré-adolescente, até pouco tempo ouvinte e leitora de contos de fadas, que esperava romances com final feliz e a possibilidade do amor imortal, eterno, infalível. (Pensando bem, eu realmente não era o tipo de leitora que Camilo tinha em mente quando escreveu a obra).

Creio que um dos motivos de eu ter escolhido aquele livro para ler foi o fato de considerá-lo uma leitura rápida. No entanto, apesar de ter uma escrita ágil, Camilo me enervou com as reviravoltas da narrativa e o retardamento do clímax. Queria chegar logo ao final, antecipar desfechos, mas não conseguia, pois minhas expectativas eram quebradas a todo momento. Aprendi que um texto menor em extensão não tem necessariamente um tempo de discurso rápido nem faz com que o tempo de leitura seja curto e, além disso, pode trazer uma certa demora narrativa – um *tempo de trepidação* (ECO, 1997, p. 70) –, que retarda o final dramático. Eu definitivamente não estava preparada para aquilo. Aos 11 anos, não queria saber de trepidação nem de finais trágicos. Queria – e precisava – de esperança. Por isso continuei lendo outros autores e obras (não mais Camilo). “De qualquer modo, não deixamos de ler obras de ficção porque é nelas que procuramos uma fórmula para dar sentido a nossa existência” (ECO, 1997, p. 145).

O segundo passeio, na verdade, foi um não passeio. Saí de casa para ir ao bosque, mas parei na entrada e dei meia-volta. Foi uma negação, uma não leitura, na qual evitei novo confronto com a obra que, não digerida, continuava sendo ruminada em mim. Apesar de estar na universidade, que teoricamente me ajudaria a compreender melhor autor e obra, continuava sendo uma leitora avessa a Camilo e, pelo que lembro, a maioria de meus colegas também era. Compartilhávamos o mesmo modo de ver e ler. Mesmo os professores não conseguiram vencer minha resistência e me fazer repensar a postura diante da obra camiliana. Além disso, naquela época o foco era o autor e sua intencionalidade – e não o leitor – o que só aumentava minha frustração e me fazia sentir uma leitora inadequada e incompetente. Nas provas, escrevia o que achava que os

professores queriam ler, mas na verdade não estava convencida do que dizia. Apesar de ter feito leituras de muitos livros de forma mais racional e crítica, ainda não conseguia superar a frustração causada por *Amor de perdição*. Era uma leitora em conflito. E assim evitei esse escritor, flertando com seus conterrâneos, como uma amante enganada e enciumada provocando seu desafeto. (Vejam o que faz uma leitura passional!) Emburrada com Camilo e Simão, deixei aquele comentário no livro de teoria, resgatado mais de vinte anos depois do término da faculdade.

O terceiro passeio começou tenso. Não queria ir. Fui conduzida por outros, inicialmente contrariada. Contudo, quem me acompanhava conhecia trilhas diferentes e cantinhos aprazíveis, e assim conseguiu chamar minha atenção para encantos e surpresas naquele bosque. Esse passeio – que prometia ser um grande sacrifício – se revelou o mais sensacional de todos, pois, além de elucidar os anteriores, provocou incríveis descobertas. Foi nele que ocorreram uma ressignificação, uma ressurreição, uma constatação e uma libertação. A leitora-modelo se manifestou nos dois níveis, e o bosque se revelou a seus olhos. (Quando uma leitora se abre para uma nova leitura, ambas mudam).

O que provocou tal mudança foi basicamente o meio acadêmico no qual eu estava inserida. Convivia com leitores especialíssimos, que possuíam muito mais leituras que eu, numa profundidade maior. Além disso, a trajetória da teoria literária havia mudado e, com as teorias da recepção, não se priorizava mais o autor, e sim o leitor. Enfim, a comunidade interpretativa da qual eu fazia parte naquele terceiro tempo de leitura influenciou meu modo de ler.

Inserida nesse “pacote de viagem” também veio a ampliação de meu repertório, que possibilitou um alargamento no olhar e a descoberta do porquê de eu ter criado uma expectativa equivocada, anos atrás, na primeira leitura.

Em 2012, pesquisando as estruturas de contos de fadas para escrever minha dissertação⁸, tive um *insight* que me fez literalmente pular na cadeira. Wladimir Propp elencou 31 funções narrativas presentes nos contos populares. “*As funções constituem os elementos fundamentais do conto maravilhoso, sobre os quais se constrói o curso da ação*” (PROPP, 2010, p. 68). Pois bem, dessas 31 funções, identifiquei 20 no romance *Amor de perdição*. São 64, 5% de estruturas comuns. Bem mais que a metade!

⁸ Sobre as representações da velhice nos contos de fadas.

Claro que eu sabia que a novela camiliana não era um conto de fadas; porém, essas estruturas comuns entre os contos e a novela criaram em mim uma expectativa e traçaram, inconscientemente, um percurso de leitura do qual não consegui escapar. Eu li um romance, mas esperei que ele tivesse o mesmo encaminhamento de um conto de magia, conforme define Propp:

Do ponto de vista morfológico podemos chamar de conto de magia todo desenvolvimento narrativo que, partindo de um dano ou uma carência, e passando por funções intermediárias, termina com o casamento ou outras funções utilizadas como desenlace. (PROPP, 2010, p. 90).

Ele continua, explicando que a função final do conto pode ser uma recompensa, um salvamento, enfim, a reparação do dano. Também comenta que, no início dos contos, geralmente há uma apresentação do núcleo familiar do herói. Em *Amor de perdição*, uma introdução apresenta ao leitor o registro do degredo de um jovem de apenas dezoito anos, de nome Simão Botelho. O primeiro capítulo apresenta a linhagem paterna e materna de Simão.

Apresentações feitas, parte-se para a trama, que segue acompanhando as funções dos contos, como, por exemplo, a imposição de uma proibição ao herói, a transgressão dessa proibição, um dano e um afastamento: o amor de Teresa e Simão é impossível devido a uma briga entre as famílias; Simão e Teresa se veem através de suas janelas e se comunicam, até que o pai de Teresa descobre e a arranca da janela. Ela não pode mais ver Simão, nem falar com ele. O pai da moça a ameaça com uma internação num convento (o que realmente acontece).

Ocorrem várias funções intermediárias, como a reação do herói, perseguição, combate, estigma (o herói é ferido) mesmo que em sequências diferentes: Simão é ferido numa emboscada, depois que se recupera vai ao encontro de Teresa na tentativa de impedir sua ida para outro convento, ali luta com o primo da moça, matando-o e entregando-se à polícia. Vai preso e não sai mais da cadeia. Teresa vai para outro convento, ela e Simão trocam cartas (levadas por uma *velha mendiga*⁹); Simão é condenado à forca, mas a pena é trocada pelo degredo ou por 10 anos de cadeia. Ele prefere o degredo e manda uma carta a Teresa pedindo que o esqueça (falando

⁹ Foi a citação a essa *velha mendiga* e sua função na narrativa camiliana que deflagrou o *insight*. Os idosos geralmente desempenham uma função auxiliar nos contos de magia, mas acabam sendo determinantes para o desenvolvimento da trama.

claramente, rompeu com ela). Teresa faz greve de fome, responde a Simão que não vai desistir do amor deles e prefere morrer. De fato, ela morre no dia em que o jovem é degredado para as Índias. Ele morre pouco depois. Mariana, a rapariga que compunha o triângulo amoroso na relação e o acompanhava no navio, se atira ao mar agarrada ao corpo do amado.

Com a prisão de Simão e sua carta de renúncia a Teresa, a imagem de herói desmoronou. O dano não foi reparado e não houve salvamento. Houve novo dano. A reparação, no final das contas, foi a morte do infeliz triângulo de apaixonados. Nada mais distante de um final de contos de fadas, não é mesmo? E aquela jovem leitora, que acreditava estar seguindo por um caminho que terminaria numa festa de casamento num castelo, foi parar no fundo do mar, junto com os corpos de Simão e Mariana¹⁰.

É o que eu chamo de “cair numa armadilha estrutural”. Camilo, literalmente, me fez cair das nuvens.

Concluindo os passeios

Buscando explicações para compreender meu aparente “fracasso” como leitora, encontrei a redenção nas teorias da recepção (a rima não foi intencional). Utilizei, principalmente, as de Jauss, Eco e Fish que ajudaram a preencher lacunas que carregava há anos e com as quais me identifiquei um pouco mais. Por meio delas fui analisando minhas diferentes posturas na leitura de *Amor de perdição*.

Jauss afirmava que a leitura é uma experiência estética do leitor, fazendo parte de seu horizonte de expectativas (JAUSS, 1994). Com ele compreendi a forma como me preparei para ler *Amor de perdição*, de que maneira construí esse horizonte e por que reagi daquela forma à figura de Simão. Ao discorrer sobre a tipologia do herói, Jauss afirma que não interessam

os vários tipos por meio dos quais o herói literário foi apresentado ao longo da história, mas antes os vários níveis de recepção através dos quais o espectador, o ouvinte ou o leitor, em períodos anteriores ou ainda hoje, pode se identificar com ele (ZILBERMAN, 1989, p.59).

¹⁰ Confesso que, diante da impossibilidade do amor entre Simão e Teresa, comecei a torcer para que ele ficasse com Mariana e me enchi de esperança quando ela partiu com ele para as Índias. Acreditei realmente que ainda poderia haver um final feliz naquela história.

Dessa forma, os heróis seriam definidos não apenas por suas ações, mas pelas respostas que desencadeariam no público.

Segundo Jauss, existem modalidades de identificação que motivam as reações de leitores, ouvintes e espectadores:

- a associativa, quando a representação se torna uma espécie de jogo (...);
- a admirativa, produzida por um herói que corporifica um ideal e “dispõe o indivíduo na direção do reconhecimento e adoção de modelos” (...);
- a simpatética, desencadeada pelo herói quando ele se confunde com o “homem comum”;
- a catártica, própria à tragédia, tendo, pois, um fundo liberador (...); é também a mais típica da experiência estética, por ser o espectador “capaz de destacar-se do imediato de sua identificação, refletindo sobre o representado e analisando-o”;
- a irônica, compreendida como “um nível de recepção estética em que uma identificação esperável é apresentada ao espectador ou leitor só para ser, a seguir, ironizada ou completamente recusada” (ZILBERMAN, 1989, p.59-60).

Iniciei a leitura de Simão fazendo uma identificação admirativa, projetando nele os heróis de contos de fadas que eu conhecia – levada pelo reconhecimento de uma estrutura que me era familiar. Mas essa identificação foi quebrada e acabei desviando, aturdida, para uma identificação simpatética, depois catártica e irônica, quando finalmente o rejeitei. (Aqui me dei conta de como um bom escritor brinca com as estruturas narrativas seduzindo, enganando, manipulando o leitor, conduzindo-o por caminhos nem sempre lineares, lógicos ou previsíveis. Ponto para Camilo!).

Ao constatar que essa minha reação à leitura desse herói já havia sido concebida, teorizada e, portanto, possível como leitura, e não fruto de uma total incompetência leitora, foi como receber a notícia da cura de um mal que me afligia há anos.

Em Eco encontrei parâmetros para compreender minhas diferentes posturas diante do livro, aprendi que o tempo de leitura e o tempo do discurso não são iguais e não devem ser confundidos. Constatei que é preciso ler, reler, ler novamente para compreender as estratégias do autor, aceitar a trepidação, a névoa e o esquecimento (algumas coisas precisam ser “apagadas” para ceder lugar a outras). Percebi que não há problema algum em começar empírica e evoluir, traçando nosso próprio percurso, desde que ele não nos afaste da leitura competente e do encantamento das descobertas que ela nos traz.

Compreendi que muitas e distintas leituras, teóricas e ficcionais, às vezes aparentemente sem conexão, criam em nós um repertório que em princípio parece um grande amontoado de peças de quebra-cabeça, mas que, um dia, devido a uma sinapse fabulosa, se encaixam e fazem a escuridão se dissipar, revelando coisas que estávamos incapazes de ver.

Finalmente, Fish me mostrou o quanto nossas estratégias interpretativas podem ser influenciadas pelos diferentes grupos nos quais estamos inseridos, compartilhando conceitos, ideias, pensamentos. O terceiro momento de leitura foi realmente resultado dessa influência e desse compartilhamento de uma forma de ver e ler Camilo.

O que aconteceu comigo corrobora a ideia de que as comunidades interpretativas [*Interpretative Communities*] são as responsáveis pela estabilidade das interpretações (ZILBERMANN 1989, p. 27). Se não fosse pelo contato e convívio com aquele ambiente acadêmico, no terceiro tempo, provavelmente continuaria equivocada com a leitura de *Amor de perdição*.

Se eu tivesse conhecido Stanley Fish e ele me perguntasse, depois de tudo o que vivi, o que esse texto provoca, responderia: “respeito”!

Referências

BRANCO, Camilo Castelo. **Amor de perdição**. 28. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. Coleção Prestígio.

_____. **Coração, cabeça e estômago**. São Paulo: DCL. 2006 (Col. Grandes Nomes da Literatura).

_____. **Eusébio Macário** – Sentimentalismo e história. 2. ed. Mem Martins: Publicações Europa-América. s/d.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FISH, Stanley. **Is there a text in this class?: the Authority of Interpretive Communities**. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria da literatura**. Trad. S. Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

PROPP, W. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010.

ROUANET, Sergio Paulo. **Riso e melancolia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

STEINER, George. **Nenhuma paixão desperdiçada**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo, Ática, 1989.